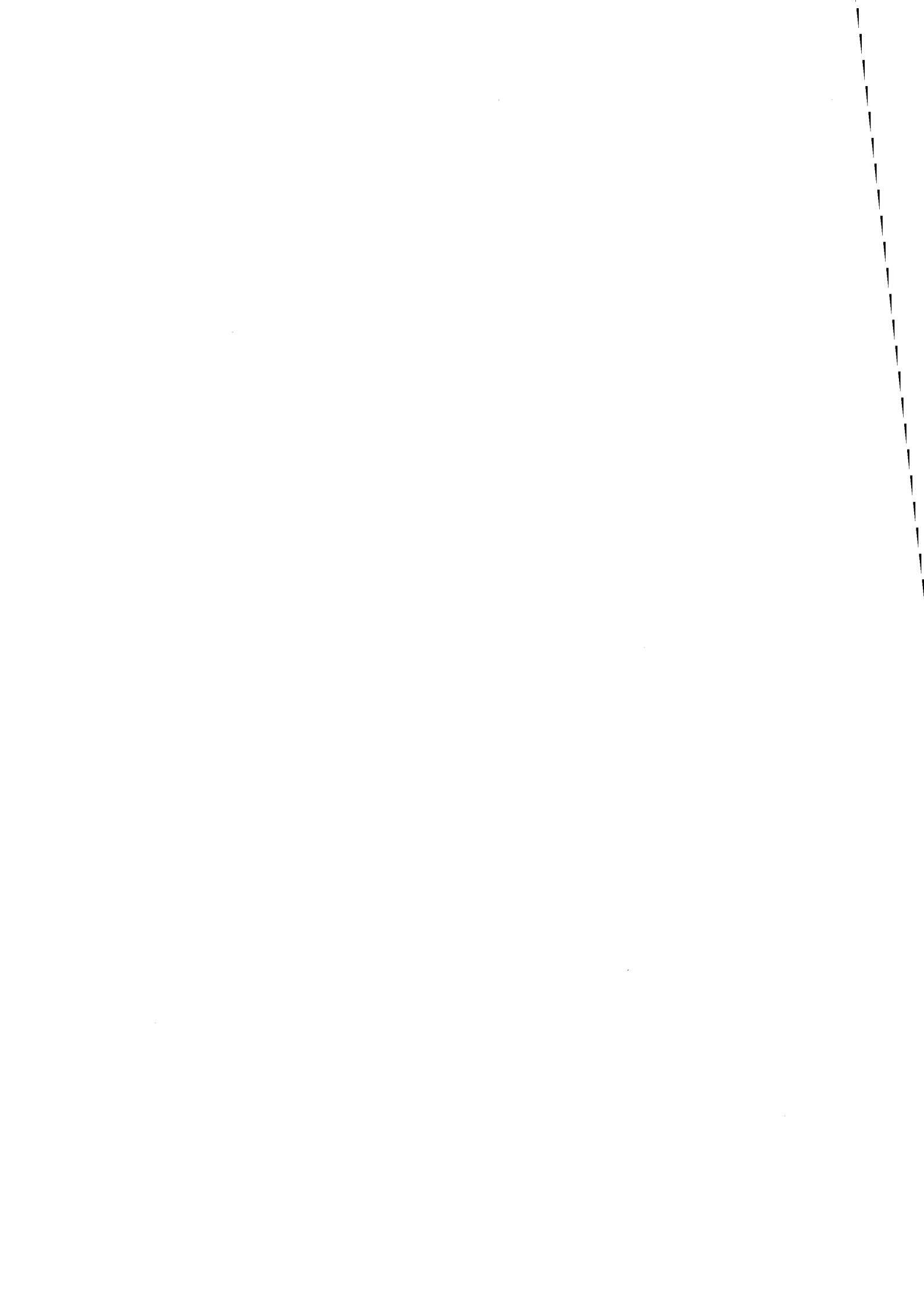


Castor fiber na gruta do Caldeirão
Existência, distribuição e extinção do castor em Portugal

M. T. ANTUNES *

* Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa (INIC), Quinta da Torre, 2825 Monte de Caparica, Portugal.

Ciências da Terra (UNL)	Lisboa	N.º 10	pp. 23-40 figs. 1-2, 1 pl.	1989
-------------------------	--------	--------	-------------------------------	------



RESUMO

Palavras-chave: Castor — Plistocénico — Holocénico — Portugal — Distribuição — Extinção.

O castor, que só tinha sido reconhecido em Portugal no Calcolítico (castro de Vila Nova de S. Pedro), é agora identificado entre a fauna do Paleolítico superior (Solutrense) da Gruta do Caldeirão, perto de Tomar. Recentemente, foi também encontrado na Gruta do Almonda, de onde provêm 4 dentes da camada C, anterior a uma sequência do Solutrense (ver anexo). A espécie parece ter sido rara, o que também sucede com os castorídeos miocénicos em Portugal, *Euroxenomys minutus* e *Chalicomys jaegeri*.

Tendo em conta a existência, na Idade Média e até Castela de nomes relacionados com *Fiber/Biber*, é evidente que o castor existia então. Esses nomes, derivados do latim popular *Fiber*, predominam, de longe, sobre nomes latinos (de carácter mais erudito, derivados do grego) em *Castor*, *-óris*, como seria de esperar. Reconhecemos, aqui, que a palavra em português arcaico relacionada com *Fiber/Biber* deve ser *veiro*, termo a que apenas era atribuído significado de pele muito cara, importada em Portugal, mas que também foi zoónimo.

O castor devia ser pouco frequente no século XIII, visto não se lhe referir a «Lei de Almotacaria» de 26 de Dezembro de 1253 (v. Quadro II).

Os topónimos em *veiro* e palavras derivadas (fig. 2; Quadro III) (plurais, femininos, diminutivos, locais habitados) dão uma imagem restrita da distribuição na Idade Média; uns são certamente mais antigos do que o próprio estado português (1.ª metade do século XII), enquanto outros existiam no século XV mas eram provavelmente mais antigos.

Raros topónimos parecem derivar de *Castor*, *-óris*; nada indica que ainda fossem utilizados como zoónimos na Idade Média.

Os topónimos dizem respeito a regiões vizinhas de rios e outras massas de água doce compatíveis com os castores do ponto de vista ecológico. A grande maioria situa-se no Centro-Oeste e no Noroeste de Portugal, em condições climáticas favoráveis (precipitações excedendo geralmente 800 mm por ano). A única excepção, no domínio geográfico, é Veiros, no Alto Alentejo, que se situa numa região com precipitações da mesma ordem de grandeza nos arredores, portanto com clima menos seco do que a maioria das áreas ao Sul do Tejo.

A densidade de tais topónimos decresce para o Sul e para o interior. Faltam nas regiões mais secas de Trás-os-Montes, Beira, Alentejo fora da bacia do Tejo, e no Algarve; nada sugere que os castores aí tenham existido.

Não é conhecido qualquer topónimo pós-medieval, nem qualquer referência depois da 1.ª metade do século XV.

Nenhuma das localidades em causa se situa (ou situou), perto da fronteira. A hipótese de atribuir a *veiros* (et al.) o significado de lugares por onde eram importadas peles de alto preço, designadas em geral por *veiros* sem precisar de que animais provinham, não faz sentido.

Na Idade Média, a distribuição dizia respeito a todas as bacias hidrográficas importantes, desde o Minho ao Tejo.

Provavelmente rarefeitos no século XIII, os castores podem ter desaparecido no decurso do século XV. Os seus requisitos ecológicos, bem como a vulnerabilidade em face de catástrofes naturais (seca, por exemplo) e da pressão humana (nitidamente acrescida no século XV) certamente desempenharam papel determinante na sua extinção. A última referência conhecida de nós (1446) mostra que a presença do castor expirava, por essa época, no extremo ocidental da Europa.

RÉSUMÉ

Mots-clés: Castor — Pliocène — Holocène — Portugal — Distribution — Extinction.

Le castor, qui n'avait été signalé au Portugal que dans le Calcolithique du «castrum» de Vila Nova de S. Pedro, vient d'être reconnu dans le Paléolithique supérieur (Solutréen) de Gruta do Caldeirão, Tomar. Tout récemment, l'espèce a également été retrouvée dans la «Gruta do Almonda», d'où proviennent 4 dents (couche C, antérieure à une séquence du Solutréen) (voir Annexe). L'espèce semble avoir été rare, comme il en a été également pour les Castoridés miocènes au Portugal, *Euroxenomys minutus* et *Chalicomys jaegeri*.

Compte-tenu de l'existence au Moyen Âge jusqu'en Castille de noms en rapport avec *Fiber/Biber*, il est évident que le castor existait à l'époque. Ces noms dérivés du latin populaire *Fiber*, prédominent largement sur des noms latins (plutôt érudits, dérivés du grec) *Castor*, *-óris*, comme on pouvait s'attendre. Nous avons reconnu que le mot à affinités avec *Fiber/Biber* en portugais archaïque doit être *veiro*, auquel on n'attribuait que le sens de fourrure très chère, importée au Portugal; pourtant il a été un zoonyme.

Le castor devait être peu fréquent au XIII^{ème}, car il n'est pas mentionné dans la liste détaillée des prix fixés par la «Lei de Almotacaria» du 26 Décembre 1253 (voir le Quadro II).

Les toponymes en *veiro* et mots dérivés (fig. 2; Quadro III) (au pluriel, féminins, diminutifs, endroits habités) donnent une image restreinte de la distribution au Moyen Âge; les uns sont certainement plus anciens que l'État portugais (1^{ère} moitié du XII^{ème}), d'autres existaient au XIV^{ème} tout en étant probablement plus anciens.

De rares toponymes semblent dérivés de *Castor*, *-óris*; rien n'indique que ces mots puissent avoir eu encore une signification au Moyen Âge en tant que zoonymes.

Les toponymes concernent des régions voisines de fleuves, rivières et d'autres masses d'eaux douces compatibles avec les castors du point de vue écologique. La très grande majorité se situe au Centre-Ouest et au Nord-Ouest, en des conditions climatiques favorables (précipitations excédant généralement les 800 mm par an); la seule exception géographique sûre est Veiros en Alto Alentejo, dans une région à précipitations comparables, soit à climat moins sec que la plupart des territoires au Sud du Tage.

La distribution de tels toponymes s'amenuise vers le Sud et vers l'intérieur. Ils manquent dans les régions plus sèches de Trás-os-Montes, Beira, Alentejo hors du bassin du Tage, et en Algarve; rien ne suggère que les castors y aient existé.

On ne connaît aucune référence après la 1^{ère} moitié du XV^{ème}.

Aucune des localités en question n'est (ou n'a été) frontalière; l'hypothèse d'attribuer à *veiros* (et al.) la signification de lieux où l'on importait des fourrures de haut prix dénommées *veiros* en général, sans préciser quel était l'animal fournisseur, ne fait aucun sens.

Au Moyen Âge, la distribution concernait tous les bassins hydrographiques importants dès celui du Minho à celui du Tage.

Probablement rarefiés au XIII^{ème}, les castors ont pu disparaître au cours du XV^{ème}. Leurs exigences écologiques, leur vulnérabilité en face de catastrophes naturelles (sécheresse, par exemple) et de la pression humaine (nettement accrue pendant le XV^{ème}), ont certainement joué un rôle déterminant dans leur extinction. La dernière référence que nous connaissons (1446) montre que vers cette époque la présence du castor atteignait la fin à l'extrême occidental de l'Europe.

ABSTRACT

Key-words: Castor — Pleistocene — Holocene — Portugal — Distribution — Extinction.

Beaver only had been found in Portugal in a Chalcolithic locality, the Vila Nova de S. Pedro castrum. It has now been identified in the Upper Paleolithic (Solutrean) from Gruta do Caldeirão, near Tomar. The species has been found recently at «Gruta do Almonda»; 4 teeth were collected in bed C, older than a Solutrean sequence (see *Anexo* for details). The species seems to have been rare, as it was also the case with portuguese miocene Castoridae *Euroxenomys minutus* and *Chalicomys jaegeri*.

If account is taken of the presence in the Middle Ages until Castille of words meaning beaver (related to the popular latin *Fiber/Biber*), it is obvious that these animals still existed then. Such nouns were largely predominant over the rather erudite latin (greek derived) words as *Castor*, *-óris* and derived ones, as it could be expected. This allowed us to recognize that *veiro* should be the corresponding word with *Fiber* affinities in archaic portuguese. It was previously supposed to mean only expensive furs then imported into Portugal. Indeed it was also a zoonym.

Anyway, beaver should be scarce by XIIIth century since it is not included in the quite detailed price list imposed by the «Lei da Almotaçaria» from December 26, 1253 (see Quadro II).

Toponyms in *veiro* and derived words (fig. 2; Quadro III) (plural, feminines, diminutives, inhabited places) give a restrictive view of the Middle Age distribution. Some of them are certainly older than Portugal itself (first half of XIIth century); others existed by the XIVth century but were probably older.

Some rare toponyms seem to be derived from the erudite latin *Castor*, *-óris*. Nothing suggests that these words were still in use as zoonyms during the Middle Ages.

All toponyms are located in regions near rivers and other freshwaters ecologically suitable for beavers, so we can approximately retrace its former, Middle Age distribution in Portugal (fig. 2; Quadro III). Most of them are located in the Center-West and Northwest of Portugal, with a suitable climate (rainfall in general over 800 milimeters per year); the only sure geographical exception is Veiros, in Alto Alentejo province, in a region with comparable precipitations and less dry climate conditions than most of the territories South of the Tagus.

There are less and less of these toponyms towards the South and the inner part of the country, and they are entirely lacking in all drier regions from Trás-os-Montes, Beira, Alentejo beyond Tagus' basin, and in Algarve. Nothing suggests beavers lived there.

No post-medieval toponym is known, nor any reference after middle XVth century.

No such locality was at, or close by to, any frontier. Hence the hypothesis of *veiro* (*et al.*) as meaning but points where expensive furs (supposedly known as *veiros* in general but without clearly saying from what animal they were obtained from) is to be discarded.

During the Middle Ages, beaver distribution concerned all the main river basins from Minho to Tagus ones.

Quite rarefied in the XIIIth, the beavers may have disappeared from Portugal during the XVth century. Ecological requirements restricted their former distribution. Vulnerability to natural causes (*i.e.*, severe drought) and to human pressure may have accounted heavily for this species' extinction. Last (1446) reference for Portugal known to us suggests the species was by then almost extinct.

1. INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre mamíferos quaternários resultaram na caracterização de formas desconhecidas em Portugal. Exemplo, o harda (esquilo), a propósito do qual aludimos à história regional da família, procurando segui-la até a extinção (ANTUNES, 1985).

A metodologia seguida parece adequada no caso de outros mamíferos, alguns desaparecidos em tempos históricos. É o caso do castor, encontrado no Paleolítico superior da Gruta do Caldeirão, Tomar, explorada por J. Zilhão (ZILHÃO, 1985), que nos solicitou o estudo do material correspondente. Ulteriormente, o mesmo arqueólogo colheu mais quatro dentes de castor na Gruta do Almonda, na camada C, anterior a uma sequência solutrense (ver anexo).

Entre os mamíferos ameaçados pela pressão humana conta-se o maior dos roedores da Eurásia e América do Norte, o castor. Aquém da Europa oriental e setentrional, sobrevivem nos vales do Elba e do Ródano.

Castor fiber havia sido detectado no Calcolítico de Vila Nova de São Pedro (CUNHA, 1961), com base em dois dentes, cedidos para comparação pelo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Espécie rara, não está representada na grande maioria das jazidas quaternárias portuguesas. A ocorrência em estratos com indústrias solutrenses é particularmente interessante. Porém, embora faça recuar no tempo a existência comprovada em Portugal, não altera a ideia da escassez. Independentemente do Homem, as condições ambientais não teriam, em regra, sido propícias; a extrema raridade dos castorídeos miocénicos aponta no mesmo sentido.

Após a descrição, vale a pena considerar um passado remoto e, também, um futuro que não chegou aos nossos dias.

2. DESCRIÇÃO E COMPARAÇÕES (Quadro I e Estampa 1)

Cinco dentes provêm da Gruta do Caldeirão (ZILHÃO, 1985): três molares superiores e um inferior apareceram na mesma parte da Gruta, camada Eb, sobre chão estalagmítico, enquanto um incisivo superior é algo mais antigo, da camada K (pré-Solutrense, excedendo, não muito, 21000 anos BP).

A camada Eb contém indústria do Solutrense superior, cerca de 15000 BP; no topo, há vestígios do Neolítico antigo, com pátina diferente. Os dentes em causa são, pois, do Paleolítico superior. A verificação da posição dos dentes, difícil quando isolados, foi realizada graças a material de comparação do Département des Sciences de la Terre, Université Claude-Bernard (Lyon 1), facultado por P. Mein. Os exemplares estão discriminados no Quadro I, onde constam algumas medidas.

O incisivo, que conserva a pigmentação cor de laranja, tem tamanho compatível com os do crânio 94.923 de *Castor fiber* actual do Département des Sciences de la Terre (Univ. Lyon 1). É bastante menor do que o homólogo de *Castor plicidens* do Vale de Arno IGF 943 (Universidade de Florença): largura máxima, 9.6 mm; comprimento máx., 9.9 mm; máxima dimensão, 59.2 mm.

O M¹ é grande, algo maior que o do crânio 94.923 e comparável aos do crânio vilafraquiano de Villaroya, Espanha, também atribuído a *placidens* (Instituto de Paleontologia M. Crusafont, Sabadell).

Os M² têm porte análogo ao do crânio 94.923 (CAL-P14-77), ou um pouco menor (CAL-P15-SC83—E4), nitidamente menor em comparação com o de Villaroya.

O M₃ é grande, sem que o tamanho seja de surpreender.

Nos molares, o sinclinal labial é mais curto do que em *Trogotherium*, penetrando menos no meio do dente. A hipodôncia é acentuada.

Confirma-se *Castor fiber* Lin. (cf. SCHAUB, 1958, pp. 710-712). Não se notam diferenças significativas de forma e dimensões relativamente a representantes mais antigos da espécie, por exemplo os de Hajnácka (Vilafraquiano inferior, Villanyiano) e Koneprusy C (Cromeriano médio, Bihariano) (FEJFAR, 1964, p. 50), ou a outros das turfeiras holocénicas de Arquá Petrarca (Padova) e do lago Fimon (ACCORDI, 1952).

Há restos de, pelo menos, dois indivíduos.

Os dois M¹ de Vila Nova de São Pedro parecem compatíveis, talvez do mesmo animal. Não se detectam diferenças significativas comparativamente ao material da Gruta do Caldeirão.

Os espécimes disponíveis não permitem tirar conclusões a nível da subespécie, nem afirmar ou negar que as formas da Gruta do Caldeirão e de Vila Nova de São Pedro sejam idênticas.

Em Espanha, *Castor fiber* foi encontrado no Quaternário de Olazagutía (Navarra) e na Cueva del Caballon (Oña, Burgos) (CRUSAFONT & VILLALTA, 1948, pp. 34-40); afirmam (p. 35, rodapé) que o castor devia ser abundante na antiguidade, citando Estrabão, que alude ao «castóreo» da Ibéria obtido dos castores que se criavam nos rios. Ocorre no Plistocénico superior de Congosto, Los Casares [ALBERDI *et al.* e ALTUNA, 1973 citados por LOPEZ-MARTINEZ (1980, p. 163)]; esta autora reconheceu *C. fiber* no Plistocénico médio de Aridos 1 (Arganda, Madrid) (*ibid.*).

Castor fiber foi escassamente citado em jazidas quaternárias além-Pireneus. Em França, aparece sobretudo, de idade wurmiana. Está representado na Bélgica desde o Plistocénico, com apogeu aquando da formação de turfas (fim do Plistocénico até o período galo-romano); expulso da Planície marítima pela última transgressão marinha (século IV), sobreviveu até o século XII na região de Gent, e ter-se-ia mantido na Holanda até o século XVIII (LERICHE, 1941). Em Inglaterra, é conhecido até o Holocénico nas Fenlands do Cambridgeshire, c. 3000 BC (LEGGE & ROWLEY-CONWY, 1986, p. 472); extinguiu-se na Grã-Bretanha nos séculos X-XII, senão mais tarde (HEDGES *et al.*, 1987, p. 300). Sobreviveu em Itália até a Idade Média (ACCORDI, 1952). Na Checoslováquia, aparece no Pliocénico superior, Astiano (FEJFAR, 1964, p. 50); mantinha-se na base do Quaternário em Strekov (HOLEC, 1986, p. 229), mas está extinto; na Polónia, é conhecido numa localidade ante-holocénica (interglaciário Riss-Wurm; cf. KOWALSKI, 1959, p. 229), e está representado actualmente. Ainda existe na União Soviética, na Finlândia, na Noruega e na Suécia, embora nalgumas regiões tenha sido reintroduzido, como na Suíça. Parece existir ainda na Anatólia (Turquia), tendo habitado a Mesopotâmia (regiões hoje incluídas na Síria e no Iraque) em tempos históricos (LEGGE & ROWLEY-CONWY, 1986).

As ocorrências portuguesas ampliam ao extremo ocidente da Eurásia a presença da espécie no final do Plistocénico e no Holocénico. Os restos da Gruta do Caldeirão e Vila Nova de São Pedro provêm de animais caçados, pela carne, pela pele apreciadíssima e pelo «castóreo», muito procurado pelas aplicações medicinais.

QUADRO I

Castor fiber Lin.

Dentes/Dents/Teeth

Dimensões/Dimensions/Measurements (mm)

Jazidas/Gisements/Localities (Portugal)	Comprimento Longueur Length	Largura Largeur Breadth (maximum)	Altura Hauteur Crown heigth
A) Gruta do Caldeirão			
Paleolítico superior:			
Solutrense			
* I sup. d./sup. d./upper r.	8.8 (distal)	8.7 (distal)	36.8
* M ¹ esq./g./l. CAL-P14-SC108-E4	7.7	7.7	22.6
* M ² dir./d./r. CAL-P14-77	>6.5	7.1	24.6
* M ² dir./d./r. CAL-P15-SC83-E4	6.4	6.4	21.0
* M ₃ dir./d./r. CAL-P15-SC48-E4	8.2	6.8	24.7
B) Vila Nova de São Pedro			
Calcolítico			
* M ¹ dir./d./r.	7.7	7.4	28.3
* M ¹ esq./g./l.	7.6	7.3	27.5

3. HISTÓRIA DOS CASTORÍDEOS EM PORTUGAL

Devem ter existido castorídeos no Miocénico inferior, à semelhança de outras regiões da Europa ocidental, mas nada documenta a sua presença em Portugal.

Assim não é a partir do Miocénico médio: *Euroxenomys minutus* apareceu na Póvoa de Santarém, com 13 a 14 milhões de anos (ANTUNES & MEIN, 1977), e no Miocénico superior de Freiria de Rio Maior (ANTUNES & MEIN, 1979), a cerca de 10 MA. No início do Miocénico superior existia *Chalicomys jaegeri*, em Azambujeira, nível inferior (ANTUNES, GINSBURG & MEIN, 1983); mantinha-se em níveis mais elevados de Azambujeira (Carvalho de Cima), mais ou menos contemporâneos de Freiria (ANTUNES, 1984).

Todas as ocorrências se situam na bacia do Tejo, ou em bacias hidrográficas que a antecederam.

Os castorídeos nunca terão tido forte implantação. Limitações climáticas, ainda que não impeditivas de esporádicas imigrações, bastam para explicar a raridade e as lacunas do registo paleontológico.

4. VESTÍGIOS DA PRESENÇA, DISTRIBUIÇÃO E EXTINÇÃO DO CASTOR EM PORTUGAL

O estudo da antiga repartição geográfica pode ser abordado através de fontes históricas e da toponímia. São óbvias as limitações. Em regra, o enfoque é na Idade Média.

Esta metodologia resultou quanto ao esquilo (ANTUNES, 1985), visto ter sido possível caracterizar zoónimos antigos. No caso do castor, a aproximação é delicada; primeira tarefa é a de saber de possíveis zoónimos em português medieval.

4.1. Nomes vernáculos europeus, árabe e turco; Lei de Almotacaria de 1253 (fig. 1, Quadro II).

Lineu, ao tratar do castor no *Systema naturae*, tomou para o género o nome latino possivelmente erudito *Castor*, -óris, derivado do grego *χάστωρ*, -ορος, como o italiano moderno *castoro*. Porém, não são formas daí derivadas que vigoram nas demais línguas neolatinas importantes, a não ser como reintrodução erudita, baseada no genérico lineano, ao menos nalguns casos.

Ao contrário, a maioria dos vernáculos europeus correspondentes, nas línguas germânicas, eslavas, magiar e neolatinas (fig. 1) parece relacionada com o latim popular *Fiber*. Como seria de esperar, predominaram sobre eventuais derivados de *Castor*; levados através do Império, podem ter sido adoptados pelos povos confinantes, em particular os germânicos. Estes, por sua vez, influenciaram eslavos: é possível que daí tenham resultado os termos em checo, eslovaco, polaco e russo.

Nenhum obstáculo se opõe à filiação de *Biber* (*et al.*) a partir de *Fiber*. A evolução de *F* em *B* é comum, como exemplifica a passagem de *Fiber* ao italiano medieval *Bevero*.

O *bièvre* do francês medieval (*Langue d'oïl*) só se mantém como topónimo. Exemplos: a ribeira, hoje subterrânea, que conflui com o Sena entre as ilhas de Cité e de Saint Louis e passa sob a rue de Bièvre, em Paris; e outros em França e na Bélgica (LERICHE, 1941).

Quanto à Península, pesquisas de Adel Sidarus não permitiram evidenciar qualquer zoónimo hispano-árabe, e nada foi

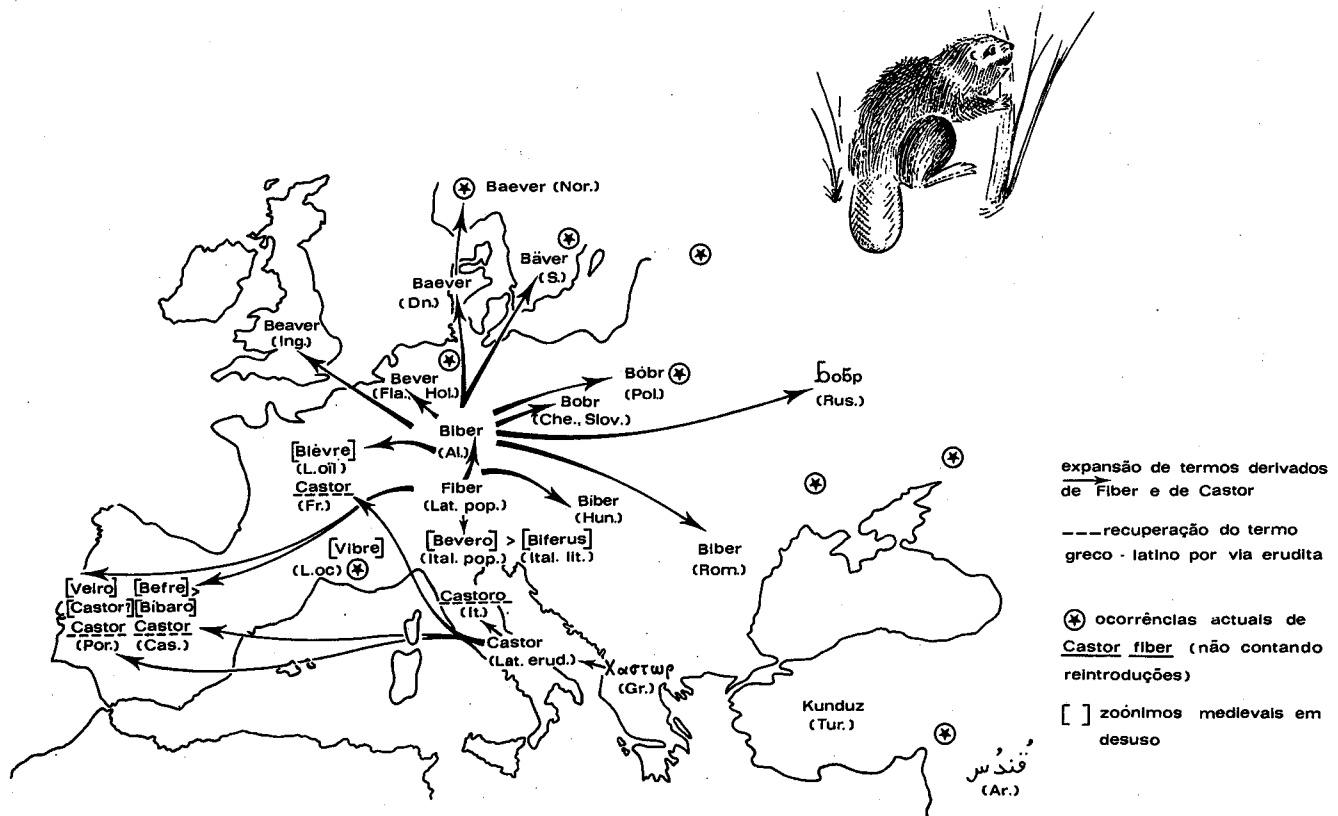


Fig. 1 — Nomes comuns de *Castor fiber* na Europa e no Próximo Oriente: (a) do grego *Castor, -óris* através do latim erudito, adoptado após a Idade Média na maioria das línguas neolatinas; (b) do latim popular *Fiber/Biber*, que perdurou na maioria das línguas neolatinas (onde caiu em desuso, ao menos como zoónimo), germânicas (com ligeiras variantes), magiar e eslavas (com o mesmo termo); (c) em árabe (*qundus*) e turco (*kunduz*).

— Noms comuns du *Castor fiber* en Europe et au Proche Orient: (a) dérivés du grec *Castor, -óris* à travers le latin plutôt érudit, adoptés après le Moyen Âge dans la plupart des langues neolatines; (b) dérivés du latin populaire *Fiber/Biber*, conservés dans la majorité des langues neolatines jusqu'au Moyen Âge (et tombés après en désuétude, au moins en tant que zoonymes), dans les langues germaniques (avec des différences mineures), magiar, et slaves (le même mot); (c) en arabe (*qundus*) et turc (*kunduz*).

→ expansion des termes dérivés de *Fiber* et de *Castor, -óris*.

--- récupération du terme gréco-latin par voie érudite, remplaçant des noms anciens.

* présence actuelle du castor (sans considérer des reintroductions).

[] zoonymes médiévaux en désuétude.

— Common names for *Castor fiber* in Europe and the Near East: (a) derived from the greek *Castor, -óris* through the latin (probably or mainly erudite) and in use after the Middle Ages in most of the neolatine languages; (b) derived from popular latin *Fiber/Biber*, in use in most neolatine languages until the Middle Ages (but later felt into oblivion, at least as zoonyms), in german languages (with but minor variations), magiar, and slavic (the same word) ones; (c) in arab (*qundus*) and turkish (*kunduz*).

→ expansion of words derived from *Fiber* and *Castor, -óris*.

--- recuperation of gréco-latin words through an erudite way.

* extant occurrences of the beaver (reintroductions not taken into account).

[] former, medieval zoonyms in oblivion, at least as so.

Al-Alemão/Allemand/German; Ar-Arabe/Arabe/Arab; Cas-Castelhano (Espanhol)/Castillan (Espagnol)/Castillian (Spanish); Che-Checo/Tchèque/Czech; Dn-Dinamarquês/Danois/Danish; Fla-Flamengo/Flamand/Flemish; Fr-Francês/Français/French; Gr-Grego/Grec/Greek; Hol-Holandês/Hollandais/Dutch; Hun-Húngaro/Hongrois/Hungarian; Ing-Inglês/Anglais/English; It-Italiano/Italien/Italian; Ital. lit-Ital. literário (ca. séc. XIV)/Ital. littéraire (vers le XIV^{ème})/Literary ital. (about XIVth century); Ital. pop-Ital. popular/Ital. populaire/ Popular ital.; Lat. erud.-Latim erudito/Latin érudit/Latin, erudite; Lat. pop-Latim popular/Latin populaire/Latin, common; L. oc-Língua de oc/Langue d'oc/Oc language; L. oil-Língua de oil (francês antigo)/Langue d'oil (français ancien)/Oil language (ancien french); Nor-Norueguês/Norvégien/Norwegian; Pol-Polaco/Polonais/Polish; Por-Português/Portugais/Portuguese; Rom-Romeno/Roumain/ Rumanian; Rus-Russo/Russe/Russian; S-Sueco/Suédóis/Swedish; Slov-Eslovaco/Slovaque/Slovakian; Tur-Turco/Turque/Turkish.

detectado em relação com o termo árabe moderno, *Al-qundus* (equivalente turco, *Kunduz*), já que pode reportar-se a regiões muito afastadas, na Anatólia e na Mesopotâmia.

No que concerne ao castelhano, dicionários correntes só citam *Castor*, mas COROMINAS (1974, p. 725) regista termos arcaicos, em desuso, *Befre* (principal) e *Bibaro* (acessoramente): o castor era conhecido em Castela, onde obviamente existia. Outros elementos comprovam esta dedução. Além de Estrabão, já citado, há quem admita a presença de castores na Península ao referir que as peles ainda eram comercializadas pelos árabes de Saragoça, segundo informa-

ção de J. Morales (Madrid). Surge, assim, uma indicação cronológica, pois o domínio islâmico perdurou aí até a conquista cristã (1118) que esteve na base da ampliação do reino de Aragão; se se entender que se tratava de árabes do reino de Saragoça, última das taifas resultantes da desagregação do Califado de Córdoba (formalmente extinto em 1031), a data limite é a da conquista pelos almorávidas (1110).

Nenhuma palavra em português parece próxima dos zoónimos castelhanos. Na tradução da *Histoire naturelle* de G. Cuvier (ALMEIDA, 1815, pp. 140-141), cuja nomencla-

tura foi verificada pelo lente coimbrão Felix de Avellar Brotero, apenas se fala de castor (realça o francês *castor*, embora cite *bièvre* a título secundário). Nem a mais ténue memória existia, nos alvares do século XIX, de antigos nomes.

Porém, é impossível o desconhecimento em Portugal, onde as peles, mesmo caras, eram apreciadas, e onde animais exóticos, às vezes de proveniência muito distante, constam da iconografia medieval. As peles de castor, produzidas ou não no País, não podiam passar despercebidas, embora se não veja, aparentemente, termo correspondente.

É certo, há referência a *Bivaro* na tradução de *Bièvre* (CARVALHO, 1946, p. 74), mas não é indicada origem. A palavra não figura no Dicionário Etimológico (MACHADO, 1956) nem noutros dicionários e enciclopédias consultados.

Estranho, porquanto a documentação medieval portuguesa é amiúde precisa a respeito de animais com interesse econó-

mico. Nenhum eco nos chega da Documentação sobre caça das chancelarias reais até D. João III, bem como da Lei de Almotacaria de D. Afonso III, sobre derivados de *Biber* nem de *Castor*; não obstante, são rigorosas as referências a preços de couros e peles. Dizia a Lei, de 26 de Dezembro de 1253 (edição de 1983, p. 15): «Afonso, rei de Portugal pela graça de Deus e conde de Bolonha, a todos os prelados, ... e a todo o povo desde o Minho ao Douro, saúde e amizade... ordeno que em qualquer vila e em qualquer julgado acatem o conteúdo desta minha carta». As determinações (além de muitas outras) estão indicadas no Quadro II.

Este quadro suscita observações:

— atente-se no alto preço do couro de zebro (tão apreciado que em muitos forais se estipulava a entrega anual, ao rei, de certo número); excede o preço do de boi.

— o preço da lontra é elevadíssimo; justificava a especialização de caçadores *lontreiros*, como se dizia.

QUADRO II

Espécies, valores de couros e peles segundo a Lei de Almotacaria

(1 libra, ℓ = 20 soldos; 1 soldo, s = 12 dinheiros, d)

Nome vulgar (1)	Espécie	Couro	Pele	Preço (s , salvo outra indicação)
Vaca ou boi	<u>Bos taurus</u>	*		27
Tenrron (Vitelo) (2)			*	1
Cabra	<u>Capra hircus</u> (+ <i>C. hispanica</i> ?)		*	3
Bode			*	6
Cabrito			*	6 d
Aenio (Carneiro)	<u>Ovis aries</u>		*	2
Cordeiro			*	18 d
Veado	<u>Cervus elaphus</u>	*		20
Gamo	<u>Dama dama</u>	*		8 ou 10 (curtido)
Gamito			*	1
Corço	<u>Capreolus capreolus</u>	*		5 ou 7 (curtido)
Zebro (extinto)	<u>Equus sp. (hydruntinus?)</u>	*		30
Coelho	<u>Oryctolagus cuniculus</u>		*	8 (de Inverno), 80 (id, vestido) 5 (outro); 50 (id, vestido)
Lebre	<u>Lepus capensis granatensis</u>		*	50 ("pena" = guarnição)
Leirão (3)	? <u>Glis glis</u>		*	45 ("pena" do lombo) 30 (outra "pena")
	? <u>Eliomys quercinus</u>			
	? <u>Eliomys lusitanicus</u>			
	? <u>Sciurus vulgaris</u>			
Raposa	<u>Vulpes vulpes</u>		*	3
Marta	<u>Martes martes</u>		*	5 ou 12 (quando tinta)
Fuinha	<u>Martes foina</u>		*	3 ou 6 (quando tinta)
Arminho	<u>Mustela erminea</u>		*	12
Toirão	<u>Mustela putorius</u>		*	1 ou 2 (quando tinta)
Lontra	<u>Lutra lutra</u>		*	3 ℓ (= 60 s) 12 (guarnição)
Gato	<u>Felis domestica</u>		*	1
Gato bravo	<u>Felis sylvestris</u>		*	3
Luberna (4) ou Geneta	<u>Lynx pardina</u> <u>Genetta genetta</u>		*	75

Noms d'animaux employés à l'époque, espèces, et prix des cuirs et fourrures fixés par la loi «de Almotacaria» du 26 Décembre 1253, du roi Afonso III du Portugal (1 livre = 20 sous; 1 sou = 12 deniers).

Animal names then in use, animal species, and leather and fur prices imposed by the «Almotacaria» law from December 26th, 1253 issued by Afonso III, king of Portugal (1 pound = 20 shillings; 1 shilling = 12 pence).

Curtido = tanné/tanned; de Inverno = pelage d'Hiver/Winter coating; vestido = robe/dress; pena = manteau de fourrure ou garniture (nom ancien)/a fur coat or garnition (old name); do lombo = du dos/from the dorsal part of the pelt; quando tinta = si teinte/if stained; Guarnição = garnition/garniture.

Noms (par ordre d'entrée)/Names (by entry order):

* Vache ou boeuf/Cow or ox; * Veau/Calf; * Chèvre/Goat (female); * Bouc/Goat (male); * Chevreau/Goat (young male); * Mouton/Sheep; * Agneau/Lamb; * Cerf/Red Deer; * Daim/Fallow Deer; * Chevreuil/Roe deer; * «Zebro» (asinien sauvage éteint) — (extinct wild ass); Lapin/Rabbit; * Lièvre/Hare; * Espèce(s) indéterminée(s) probablement *Eliomys* spp. (Lérot) ou *Sciurus vulgaris* (écureuil)/Undetermined species probably Garden Dormice or Squirrel; * Renard/Fox; * Martre/Pine Marten; * Fouine/Stone Marten; * Hermine/Stoat (Ermine); * Putois/Polecat; * Loutre/Otter; * Chat/Cat; * Chat sauvage/Wild Cat; * Lynx (Loup-cervier)/Lynx; * Genette/Genet.

— note-se o elevado preço do arminho, que excedia largamente os de animais de tamanho comparável (marra, fuinha, toirão).

— repare-se na ausência de referências ao urso; ao cavalo, burro e muares; ao porco e javali. Esta omissão, decerto deliberada (tanto mais que diz respeito a espécies comuns), apenas significará que o rei não entendeu, ou julgou desnecessário, fixar os preços correspondentes.

— Nada parece aludir ao castor na Lei de Almotacaria, o que pode indicar raridade, mas não prova inexistência.

Por outro lado, a aparente falta de derivado português de *Biber* é intrigante. Não se vê porquê, com tão ampla implantação até Castela.

4.2. Lei de 1391; identificação de *Veiro*

O castor fornece peles consideradas de luxo, além da carne e de um produto caro, o castóreo, empregue na Medicina como antiespasmódico, ou como afrodisíaco. Crise económica e desvalorização da moeda assinalaram os fins do século XIV, e prolongaram-se. Não surpreendem restrições da aquisição e uso de bens sumptuários. Exemplo, as consignadas em Lei de 1391, de D. João I (v. SAMPAIO, 1979, p. 99): «especifica quem pode trazer penas de veiros, grises ou arminhos», «Algumas penas eram muito caras» (penas no sentido de peles ou guarnições de vestuário).

Aquela frase permite identificar prontamente dois dos animais em causa:

— o arminho, presente no Quaternário da Gruta da Furninha (HARLÉ, 1910-1911), e há pouco encontrado em Portugal (SANTOS-REIS, 1985); é possível ter havido importação de países nórdicos, já que a pelagem imaculadamente branca, preciosa, realçada pela ponta negra da cauda (com que eram confeccionados os mantos reais) é a de Inverno, na Europa central e setentrional. Na Península Ibérica mantém, todo o ano, aspecto manchado ou acastanhado.

— o gris (termo de origem francesa) é o esquilo com pelagem de Inverno cinzenta, prateada ou branca, como se verifica na Sibéria, o que foi assinalado na citada tradução de Cuvier (ALMEIDA, 1815, p. 143): «He de hum ruivo vivo, ...; os do Norte tornam-se cinzentos no Inverno, e produzem a pelle chamada petigriz». Tais peles eram importadas, visto os esquilos ibéricos não adquirirem pelagem de Inverno cinzenta.

Creemos poder, agora, identificar o terceiro termo, *veiros*. Do ponto de vista etimológico, pode ter derivado de *Fiber*, *Biber* ou análogo, com troca da consoante inicial por *v* (o que é comum em português, sobretudo em relação ao *b* e se verificou também na «*langue d'oc*»/provençal: *Vibre*); e, segundo A. Sidarus, com alongamento do *i* longo em *ei*, além da modificação final. Com *Fiber*/*Biber* poderiam estar relacionados *bibaro* (como em castelhano), *bivaro*, *beire*, *beiro* e *veiro*. Estas palavras, com suas variantes e derivadas, ocorrem em português antigo e subsistem como topónimos. Não vemos alternativa que não a atribuição ao castor, pelas razões invocadas e pela impossibilidade de confusão com outros animais fornecedores de peles muito valiosas. Dicionários tratam *veiro*, quase sempre no plural, como indicando genericamente peles de alto gabarito. Ora, o único possível fornecedor, ao tempo, de peles tão caras que não é o arminho, o esquilo nórdico ou a lontra — todos bem identificados — é o castor, o qual, conforme se viu, existiu em Portugal.

4.3. *Veiro et al.*, origem e discussão

Elementos com interesse constam da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (vol. XXXIV, pp. 445-446): «*Veiras* — topónimo, porque não oferece outra interpretação aceitável, talvez seja um patronímico, de um n. pessoal de origem germânica» (estes *italicos* são nossos).

«TOPON. Por todo o País, existem vários pov., sítios e prédios denominados *Veiro*, *Veiros* e *Veirós*, sendo esta última espécie toponímica um evidente diminutivo medieval. Aparentemente, estes topónimos têm um idêntico significado por analogia de origem linguística, mas o termo antigo «*veiro*» (fr. *vair*) do português arcaico, significando peles raras ou preciosas (mais usado no plural, «*veiros*») não parece ter significação ou compreensão toponímica, até porque inexistente entre nós a fauna fornecedora dessas peles, ficando, ainda no caso de se tratar de alusão geográfica a este, menos compreensível o diminutivo *Veirós*. «No caso de *Veiro(s)*, talvez se trate de um antropónimo romano, Valeriu(s), sendo, a ser assim, um topónimo remotíssimo». Admite-se (*ibid.*): «*Provirá*» [*Veirós*] «do apelativo arcaico — *beria* > *beira* (século XIII), que denominou uma «terra» «*fronteira*»...

Retenhamos algumas ideias:

* origem germânica de *veiras* e analogia de origem de *veiro*, *veiros* e *veirós*;

* origem latina, hipotética, de *veiro(s)*;

* hipótese de *veirós* ter étimo feminino e, por isso, de poder não haver relação com *veiros*;

* enfim, a mais importante, a inexistência dos animais produtores de tais peles.

A última é essencial, pois condiciona toda a interpretação da toponímia, obrigando a toda a sorte de piruetas para encontrar alternativas hipotéticas a uma realidade simples, porquanto o castor existiu. Até quando, após os 4000 anos BP dos do castro de Vila Nova de São Pedro, não sabemos; mas poderemos chegar a uma aproximação bastante boa.

À semelhança dos casos do esquilo e do zebro, e da rarefacção e extinção do urso (e quase outro tanto se poderia dizer do veado, gamo, corço, cabra montês e javali), é de crer que a pressão da caça e a deflorestação, intensas no século XV, tenham representado o dobre de finados para espécies frágeis como o castor. É plausível que ainda existissem em meados daquele século, como poderia indicar a citação nas Ordenações Afonsinas (livro V, tit. 43), sob a forma de *veiro* (compilação datada de 1446).

Considerando a identificação do castor e a distribuição de *Biber* (e derivados), que abrangem Castela e, pelo visto, Portugal, é praticamente certo que o equivalente em português arcaico fosse *veiro(s)* e variantes, incluindo femininos e diminutivos.

Tudo isto permite reapreciar a toponímia. Recordemos as «as penas de veiros» da Lei de 1391: será mero acaso que *Beiriz* [ou *Viriz*, de *Veiro(s)*], perto de Póvoa de Varzim, esteja na proximidade imediata do Regato da *Pena*?

4.4. Vestígios da derivação de *Castor*, *-óris* em topónimos

Que restaria de termos romanos de pendor mais erudito, em *Castor*, *-óris*? Esquecidos como zoónimos, poderiam, rarefeitos, subsistir na toponímia, embora isso fosse menos de esperar do que a derivação dos termos populares (*Fiber*, *Biber* e outros), decerto mais difundidos. É, de facto, o que pode ter sucedido com os poucos que restam e dos quais não

QUADRO III

	Segundo o REPERTÓRIO TOPON.-COORDEN. FL.	Segundo o DICC. CHOROGR. Topónimo • freguesia • CONC. ou POV.	Cursos de água	BACIA HIDROGRÁFICA
1	Aveiras de Baixo SF 136 238.377	Aveiras de Baixo • N. S. ^{da} do Rosário • AZAMBUJA	Rib. ^{da} de Aveiras, afl. Vala de Azambuja	TEJO
2	Aveiras de Cima SF 133 241.363	Aveiras de Cima • N. S. ^{da} Purificação • AZAMBUJA	Rib. ^{da} de Aveiras, afl. Vala de Azambuja	TEJO
3	Aveiro CAS 211 404.188	VILA CHÃ DE SÁ (VISEU)	Rib. ^{da} de Asnes, afl. R. Pavia, afl. R. Dão	MONDEGO
4	Aveiro SD 156 408.185	Aveiro • N. S. ^{da} da Glória, Vera Cruz • AVEIRO	"Ria" de Aveiro	VOUGA
5		Aveiro • Carnota (SF 119 230 • 375) • ALENQUER	Rib. ^{da} de Santana da Carnota, afl. R. Gran de da Pipa - Vala do Carregado, afl. do Tejo R. Corgo?	TEJO
6		Aveiro • ? • VILA REAL		DOURO
7	Beira CAS 173 485.98	Beira • Burgães (S. Miguel do Couto) • SANTO TIRSO	L. de água afl. e subafl. margem eq. R. Ave	AVE
8	Beira SF 184 475.112	PENAFIEL (★)	R. Mezio, afl. margem dir. R. Sousa	DOURO
9	Beira POV 163 442.463	ESPINHO (★)	Rib. ^{da} de S. Bento, afl. Rib. ^{da} da Remôia	BARRINHA DE ESMORIZ
10	Beira de Baixo POV 163 442.463	ESPINHO (★)	Rib. ^{da} de Beira, afl. Rib. ^{da} de Cortegaça,	BARRINHA DE ESMORIZ
11		Beiredo (= Veiredo, cf. 11a)	Cf. 11a	
12		Beirigos • Espadanedo (SF 194 457 • 135) • CINFÃES	R. Bestança ?	DOURO
13	Beiriz CAS 184 503.71	Beiriz • Prazins, S. ^{ta} Eufêmia • S. TORCATO (GUIMARÃES)	R. Ave	AVE
14	Beiriz SF 151 492.82	Beiriz (= Viriz) • S. ^{ta} Eutália • PÓVOA DE VARZIM	Regato da Pena	AVE
15	Beiriz de Baixo POV 150 491.82	Beiriz • Beiriz • PÓVOA DE VARZIM (★)	Regato da Pena	AVE
16		Beira • Rio de Moinhos (SF 173 546 16, ARECOS DE REG 170 545 16) • VALE DE VEZ	R. Vez	LIMA
17	Beiró CAS 175 424.164	Beiró • Palmaz • OLIVEIRA DE AZEIS	Rib. ^{da} da Felgueira, afl. R. Caima	VOUGA
18	Beirós POV 215 455.136 216 455.137	(= Veirós, ? = Veirós de Baixo) • Felgueiras • RESENDE	Rib. ^{da} Carvo	DOURO
19		Bibirelos (= Vivirelos, cf. 19a)	Cf. 19a	
20	Castêdo CAS 224 477.114	SANTA MARTA DE PENAGUÃO (★)	L. de água afl. R. dos Moinhos, subafl. R. Corgo	DOURO
21	Castêdo SF 256 473.116	ALIJÓ (★)	L. de água afl. R. Douro	DOURO
22	Castedo SF 280 474.118	CASTEDO (TORRE DE MONCORVOX) (★)	Ribeiras afl. ^{da} do Rib. ^{da} Grande, afl. Rib. ^{da} da Vilariga, afl. R. Sabor, afl. R. Douro	DOURO
23	Caster 143-153-163	ESPINHO - OVAR - ESTARREJA (★ ★ ★)	Rib. ^{da} de Caster, perto de Beira (10), de Souto Redondo a Ovar e "Ria" de Aveiro	VOUGA
24	Castoares CAS 151 486.96	VILA DO CONDE (★)	L. de água afl. margem eq. R. Ave	AVE
25	Castorigo POV 257 488.103	SANFINS DO DOURO (ALIJÓ) (★)	Rib. ^{da} da Salgueirosa, subafl. R. Tinhela, afl. R. Tua	DOURO
26		Castoura • Candufe (POV 167 540 • 15) • VALE DE VEZ	R. Cabrão, afl. margem dir. R. Lima	LIMA
27	Oveiro POV 198 375.220	Oveiro (= Veiro) • Óva • SANTA COMBA DÃO	Valeiro da Bica da Telha, afl. R. Mondego	MONDEGO
28	Vairão SF 155 485.97	Bougado • SANTO TIRSO	Rib. ^{da} da Macieira da Maia, afl. margem eq. R. Ave	AVE
29	Vairão VG 179 526.42	VILA VERDE	Rib. ^{da} Bom, Rib. ^{da} Loureiro, Rio Homem	CÁVADO
30	Vaires VG 218 542.19	MONTALEGRE	Corga Má Rio Má } ou }	LIMA CÁVADO ou }
31	Veira (Corga da) = 209 541-542 Corga de Lameias • 31	MONTALEGRE	Afl. rib. ^{da} da Blduça -- Rib. ^{da} Dala -- Rib. ^{da} do Bergado -- afl. margem dir. R. Cávado	CÁVADO
32		Veiras • Gilão (SF 171 447 • 144) • FEIRA	Rib. ^{da} da Mota, afl. R. Inha, afl. margem eq. do Douro	DOURO
11a	Veiredo CAS 204 459.136	(= Beiredo) • S. ^{ta} Cruz do Douro • BAIÃO	Rib. ^{da} afl. R. Ovil, afl. margem dir. R. Douro	DOURO
33		Veirigos • Espadanedo (cf. 12) • CINFÃES	Cf. 12	DOURO
34		Veirigo • Espadanedo (cf. 12) • CINFÃES	Cf. 12	DOURO
35		Veirigo • Formariz (SF 162 550 • 7) • PAREDES DE COURA	R. Coura	MINHO
36	Veirigo CAS 168 520.42	Veirigo • Freiriz • VILA VERDE	Rib. ^{da} subafl. R. Homem	CÁVADO
37		Veirinhos • Lourical (SF 148 337 • 261) • POMBAL	R. Pranto	MONDEGO
14a		Veiriz (= Beiriz, cf. 14)	cf. 14	
27a		Veiro (= Oveiro, cf. 27)	cf. 27	
38	Veiros SF 159 420 • 163	Veiros • S. Bartolomeu • ESTARREJA	R. Antuã, "Ria" de Aveiro	VOUGA
39	Veiros SF 254 220 • 398	Veiros • S. Salvador • ESTREMOZ	Rib. ^{da} de Ana Loura, afl. Rib. ^{da} de Aviz, afl. R. Sarraia	TEJO
40		Veirós • Serrazes (SF 201 420 • 166) • S. PEDRO DO SUL	Rib. ^{da} afl. margem dir. R. Vouga	VOUGA
18a		Veirós (= Beirós, cf. 18)	Cf. 18	
18b		Veirós de Baixo (? = Beirós, cf. 18)	Cf. 18	
19a	Vivirelos CAS 180 517.56	(= Bibirelos) • Ferreiros • AMARES	Rib. ^{da} da Ribeira	CÁVADO

Lista de topónimos relacionados (ou muito provavelmente relacionados) com o castor, segundo o Repertório Toponímico dos Serviços Cartográficos do Exército e o «Diccionario Chorographico». Estão indicadas as coordenadas segundo a Carta Militar de Portugal 1:25 000. Os números da 1.ª coluna reportam-se à fig. 2.

Liste de toponymes en rapport (ou très probablement en rapport) avec le castor d'après le «Repertório Toponímico» des Services cartographiques de l'Armée et le «Dicc. Chorogr.». Coordonnées d'après la carte militaire 1:25 000^{ème} (2^{ème} et 3^{ème} colonnes). Les numéros de la 1^{ère} colonne sont ceux de la fig. 2. La 3^{ème} colonne concerne les cours d'eau en cause; la dernière indique les bassins hydrographiques correspondants.

List of toponyms related (or very probably related) to the beaver according to the «Repertório Toponímico» of the cartographical Service of the Army, and to the «Dicc. Chorogr.». Coordinates according to the military map of Portugal 1:25 000 (2d and 3d columns). Numbers in the first column are those of fig. 2. The 3d column indicates the rivers concerned; the last one, the corresponding river systems.

conhecemos hipótese genética alternativa (o que, aliás, não confere certeza): Castedo, Caster, Castoares, Castorigo e Castoura, na maioria em regiões também com topónimos em *veiro*, e com condições propícias, em conjunto coerente do ponto de vista zoogeográfico.

De si mais raros que os derivados do latim popular, não parecem ter tido zoónimo medieval correspondente, no estado actual dos conhecimentos.

4.5. Toponímia e distribuição (Quadro III; fig. 2; Quadro IV)

Como foi salientado, o castor existiu em território hoje português. A ele se reporta *veiro(s)*, verdadeiro zoónimo e não mera designação de peles.

As peles em causa seriam exclusivamente de importação? A resposta é evidentemente negativa, já que não faria sentido conferir aquele nome (e variantes) a localidades onde não houvesse castores, nem importação de peles. Proviriam, ao menos em parte, de produção local. Admitindo alguma importação de (ou através de) Castela, como explicar que nenhum topónimo corresponda, ou tenha correspondido, a fronteira terrestre, longe disso?

Em caso de importação, prováveis fornecedores seriam países nórdicos com populações importantes de castores e produções excedentárias — o que não parece ter sucedido com a França e com os reinos ibéricos. O tráfego processar-se-ia por via marítima até o Porto ou Lisboa, o que retira substância à hipótese da exclusiva importação, incompatível com a toponímia.

É lógico admitir a existência do castor em tempos medievais, com produção autóctone de peles que não exclui necessariamente importação.

Vejamos, com base no «Diccionario Chorographico» (COSTA, 1930 a 1949), no «Repertório Toponímico» (1967) e noutra informação, os termos a considerar (excluindo alguns de origem duvidosa e mantendo outros com certa reserva).

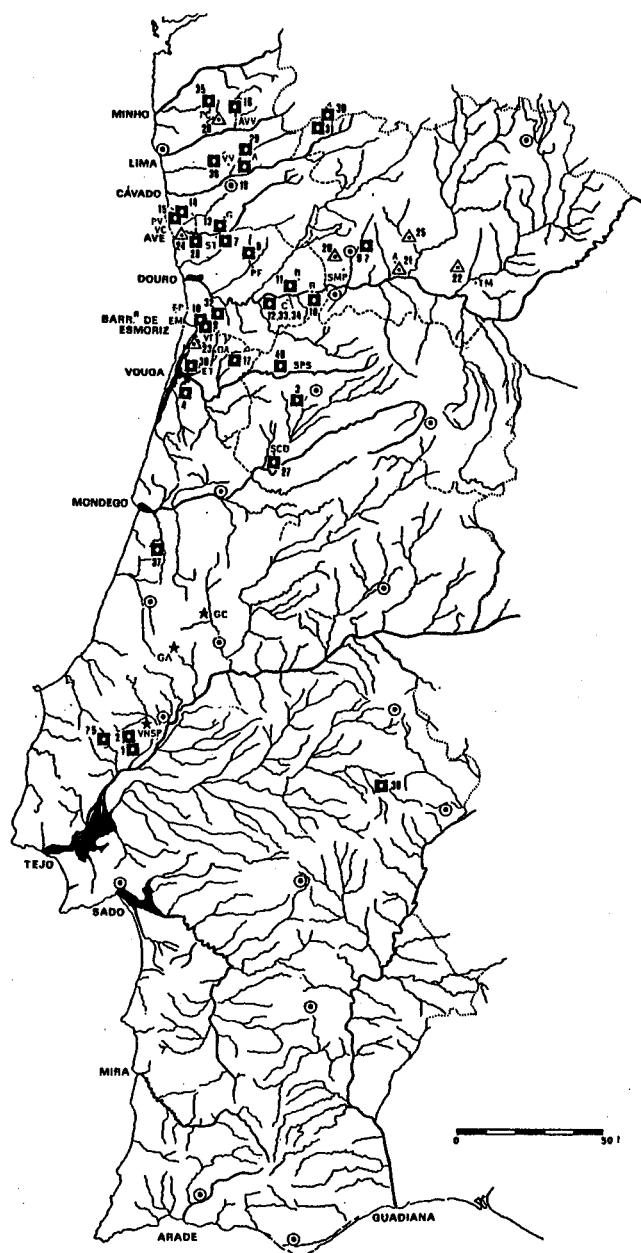
Nada encontramos em *Befre* (por semelhança com o termo castelhano; poderia, em princípio, ocorrer em zonas fronteiriças), em *Bívaro* (referido por CARVALHO, 1946) ou em *Bivar*.

Os termos a ter em conta são: Castedo, Caster, Castoares, Castorigo e Castoura; e, por outro lado, Aveiras, Aveiro, Beire, Beiredo, Beirigos, Beiriz, Beiro, Beirô, Beiroz, Bibirelos (= Vivirelos), Oveiro, Vairão, Vaires, Veira, Veiras, Veiredo, Veirigas, Veirigo, Veirinhos, Veiriz (= Viriz), Veiro, Veiros e Veirós. Este conjunto preenche a aparente lacuna de zoónimo medieval português e seus derivados, o que estaria em contradição com o que se verifica no resto da Europa.

É certo que, apesar das semelhanças, a génese de *Veirigo* pode ser outra: supôs-se ter derivado de nome pessoal de origem germânica, o mesmo que, noutra forma, foi o do rei visigodo Vitericus (cf. «Grande Encicl. Port. e Bras.», vol. XXXIV, pp. 445-446).

Mantemos alguma dúvida quanto a *Aveiro*, topónimo de antes da nacionalidade. Segundo alguns, reportar-se-ia à abundância de aves, sobretudo aquáticas; porém, não terá ocorrido a ninguém outra possibilidade, a de *veiros*, em região particularmente propícia aos castores. O caso de *Aveiras* talvez fosse semelhante.

Bibirelos (ou *Vivirelos*), não considerado na bibliografia que conhecemos, poderia ser palavra próxima de *Biber* (et al.) e,



Distribuição de:

- a) **Castor fiber** (*)
 - GC - Gruta do Calderão, GA - Gruta do Almonda Paleolítico superior
 - VNSP - Vila Nova de S. Pedro, Calcolítico
- b) topónimos relacionados aparentemente com *Fiber/Biber* (■) e com *Castor/-óris* (△)
 - ☉ - cidades indicadas como referência
 - outras iniciais dizem respeito a cidades e povoações mais directamente relacionadas com topónimos (lista em anexo)

Fig. 2 — Distribution du *Castor fiber* au Portugal.

a) Gisements du Paléolithique supérieur (Solutréen; ? première partie du Würm récent, à Gruta do Almonda) et du Calcolithique (étoiles).

b) Toponymes en rapport (ou très probablement en rapport) avec *Fiber/Biber* (carrés) et *Castor, -óris* (triangles); les numéros correspondent à des localités. D'autres symboles concernent des villes indiquées comme références. Des lettres sont des initiales de villes ou de villages voisins. (Voir le quadro III).

— Distribution of *Castor fiber* in Portugal.

a) Fossil finds (stars) from the upper Paleolithic (Solutrean; ? first part of late Würm, at Gruta do Almonda) and the Chalcolithic.

b) Toponyms related to (or most probably so) *Fiber/Biber* (squares) and *Castor, -óris* (triangles). Numbers correspond to localities. Other symbols concern towns indicated as a reference. Letters are initials of nearby towns and villages. (See quadro III).

possivelmente, de *Bívaro* ou *Bíbaro* (nada o parece contradizer).

Tudo o mais é *Veiro* ou variantes, com *v* ou *b* no início.

Contra-prova da compatibilidade dos topónimos em relação com os animais em causa assenta na ecologia dos castores. Frequentam rios com águas permanentes, esteiros e canais com vegetação densa nas imediações, em condições climáticas não excessivamente quentes. Prosperam em climas temperados ou frios. A presença de massas de água doce é imprescindível.

A distribuição dos topónimos em Portugal, de acordo com as fontes citadas, está indicada no Quadro III e na fig. 2.

Têm, todos aqueles topónimos, origem relacionada com o castor? Sabe-se da dificuldade de pesquisas desta índole. Algum poderá não o ser, mas cremos que a maioria o é. O pouco que vimos em contrário (ou, melhor, diferente) não parece ter melhores e irrefutáveis bases, longe disso. Algum erro eventual, não controlável, decerto não desvirtuará a interpretação global.

Não foram considerados topónimos obviamente recentes, decorrentes de outros próximos, tais como vértices geodésicos e estações de caminho de ferro.

A distribuição dos topónimos dá uma imagem incompleta da possível distribuição dos castores; comporta aspectos menos seguros e não esgota o rol dos locais onde terão existido. Ocorrem nas bacias hidrográficas do Minho ao Tejo. Verifica-se rarefacção para o Sul e para o interior.

Localizam-se em áreas com fornecimento de águas fluviais, mesmo em período de estiagem, e com pluviosidade importante, com valores quase sempre excedendo 800 mm por ano. O Quadro IV mostra a repartição por bacias (de N para S) e por províncias, com as percentagens correspondentes (dadas a título indicativo, já que não é possível garantir o rigor de todos os elementos em que se fundamentam).

A ausência de topónimos mais a Sul não prova a ausência de castores, embora as condições devessem, em geral, ser-lhes desfavoráveis. Poderiam ter estado representados por pequenas populações esparsas, ou faltarem de todo. Esta hipótese pode, no entanto, não ser válida. A bacia do Guadiana, em particular, poderia abranger áreas favoráveis. Topónimos, se existiram, podem ter sido esquecidos ou substituídos durante a dominação islâmica, mas isto parece em contradição com o desconhecimento de topónimos árabes (ou berberes) e com a sobrevivência de Veiros no Alto Alentejo.

Contudo, a interpretação mais verosímil vem na sequência lógica da notória rarefacção de topónimos para o sul e para o interior, bem como na ausência de nome hispano-árabe: os castores nem sequer habitariam a parte meridional da Península, a não ser uma ou outra excepção localizada, que desconhecemos. A falta de castores na África do Norte pode ter contrariado a expansão até à Península Ibérica do nome árabe, utilizado no Próximo Oriente mas inaplicável no Maghreb, onde não havia castores.

QUADRO IV

Distribuição de topónimos por bacias hidrográficas e províncias

Bacias hidrográficas			Províncias				
	N	%		N	%		
MINHO	1	2.5	Litoral N e Centro	{ MINHO	7	26	65.
LIMA (*)	3 ou 2	7.5 ou 5.		{ DOURO LIT.	14		
CÁVADO (*)	4 ou 5	10. ou 12.5	Interior N	{ BEIRA LIT.	5	10	25.
AVE	6	15.		{ TRÁS-OS-MONTES	7		
DOURO	12	30.	Interior Centro e S	{ BEIRA ALTA	3	4	10.
BARRINHA DE ESMORIZ	2	5.		{ ESTREMADURA,	4		
VOUGA	5	12.5		{ RIBATEJO e			
MONDEGO	3	7.5		{ ALTO ALENTEJO			
TEJO (**)	4	10.					
GUADIANA, SADO, MIRA,							
ARADE	0	0.					
	40	100.		40	100.		

(*) Há um topónimo que pode corresponder à bacia do Lima ou à do Cávado.

(**) Números e percentagens possivelmente por excesso, por ter sido contado um topónimo duvidoso (Aveiro, perto de Carnota, Alenquer).

Número de topónimos:	<i>Fiber/Biber</i>	<i>Castor, -óris</i>
DOURO (N)	15	6
DOURO-VOUGA	10	1
VOUGA-MONDEGO	3	0
MONDEGO-TEJO	4	0
TEJO (S)	1	0
	33 <> 82.5 %	7 <> 17.5 %

— Distribution des toponymes par bassins et par provinces.
— Toponym distribution by basins and provinces.

5. CONCLUSÕES

Mesmo sem contar com os casos que suscitam dúvidas, a distribuição dos topónimos, conjugada com os elementos restantes, permite tirar as seguintes conclusões.

1. O castor, *Castor fiber* L., foi identificado no Paleolítico superior (Solutrense) da Gruta do Caldeirão, bem como no da Gruta do Almonda (? primeira parte do Würm recente, segundo J. Zilhão); fica ampliada a distribuição em Portugal, onde só era conhecido no Calcolítico de Vila Nova de São Pedro.

2. Está escassamente representado, tal como os castorídeos miocénicos.

3. Atendendo à expansão de nomes relacionados com *Fiber/Biber*, largamente predominantes sobre outros em relação com *Castor*, -óris, é óbvio que o castor existia em Portugal na Idade Média; reconhecemos em *veiro* o correspondente em português arcaico, zoónimo a que apenas era atribuído significado de pele de alto preço.

4. Devia ser pouco frequente em meados do século XIII, pois não está citado entre os artigos com preço fixado pela Lei de Almotaçaria.

5. Raros topónimos parecem provir de *Castor*, -óris, que nada indica ter tido na Idade Média significado como zoónimo corrente.

6. Topónimos em *veiro* (e afins) e alguns outros dão imagem incompleta da distribuição medieval; uns são anteriores à nacionalidade, outros existiam no século XIV, embora provavelmente fossem mais antigos (Veiros já assim se chamava em tempos do «Barbadão de Veiros», daí natural: Pedro Esteves, sapateiro, que consta não mais se ter barbeado ante a desonra da filha, de quem o então clérigo D. João, Mestre de Aviz, houve (1370) Afonso, primeiro Duque de Bragança).

7. Os topónimos dizem respeito a áreas com rios ou outras massas de água doce compatíveis com castores.

8. Na grande maioria, situam-se no Centro-Oeste e no Noroeste, em condições climáticas favoráveis (precipitações excedendo 800 mm/ano); única excepção segura é Veiros, no Alto Alentejo, em região com água, e clima menos seco que a maioria das terras alentejanas. É evidente a rarefacção para Sul e para o interior.

9. Faltam topónimos nas regiões mais secas de Trás-os-Montes, Beira Interior, Alentejo fora da bacia do Tejo, e Algarve; sem que possa concluir-se pela ausência de castores, nada sugere que aí tenham existido.

10. Desconhecemos topónimos medievais e referências após meados do século XV.

11. Nenhuma daquelas localidades é, ou foi, fronteiriça; não faz sentido alegar que Veiros e outros significariam locais onde se importavam peles de alto preço designadas genericamente por *veiros*, sem precisar que animal as fornecia.

12. A distribuição medieval abrangia todas as principais bacias hidrográficas até a do Tejo.

13. Provavelmente rarefeitos no século XIII, os castores podem ter-se extinguido em Portugal no século XV; requisitos ecológicos, vulnerabilidade perante catástrofes naturais (seca, por ex.) e pressão humana, nitidamente acrescida no século XV, terão concorrido para o extermínio; a última referência de que temos notícia (1446) mostra que a presença do *veiro* estava no ocaso, no extremo ocidental da Europa.

AGRADECIMENTOS

Apresentamos os melhores agradecimentos às pessoas e entidades que contribuíram para a realização deste trabalho;

— J. L. CARDOSO, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, pela cedência de elementos bibliográficos;

— A. N. GUSMÃO, Director do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, pelo apoio concedido às nossas actividades relacionadas com a Arqueologia;

— G. MANUPPELLA, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por pesquisas de termos em italiano antigo;

— P. MEIN, da Université Claude-Bernard (Lyon 1), por ter facultado material de comparação;

— J. MORALES, do Museo Nacional de Ciencias Naturales (CSIC), de Madrid, por informes acerca de ocorrências em Espanha;

— J. PAIS, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL, autor das fotografias;

— MARIA A. T. DA ROCHA, do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, pela possibilidade de reexaminar os espécimes de Vila Nova de São Pedro;

— P. ROWLEY-CONWY, da Universidade de Londres, pelos elementos fornecidos quanto ao Próximo Oriente e à Grã-Bretanha;

— A. SIDARUS, da Universidade de Évora, por pesquisas de termos em árabe;

— Z. SPINAR, da Universidade de Praga, por informações acerca de castores na Europa Central;

— E. ÜNAY, do MTA Enstitüsü de Ankara, por elementos concernentes à Turquia;

— G. ZBYSZEWSKI, dos Serviços Geológicos de Portugal, por pesquisas de termos em polaco e russo;

— J. ZILHÃO, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a quem fica a dever-se a cedência para estudo de material da Gruta do Caldeirão e da Gruta do Almonda.

Anexo (Gruta do Almonda)

Após a entrega do texto para publicação, foram-nos comunicados, por J. Zilhão, quatro dentes isolados de castor — um incisivo e três dentes jugais — provenientes da Gruta do Almonda. Forma e dimensões das peças dentárias condizem com as de *Castor fiber* da Gruta do Caldeirão, pelo que não pareceu necessário estudo mais pormenorizado. Os dentes jugais estão marcados AMD2-G20-1108, 1109 e 1110. Quanto à posição estratigráfica, aqui fica uma nota daquele autor:

«A galeria de entrada da Gruta do Almonda possui várias bolsas colmatadas com sedimentos, os quais foram escavados durante uma campanha realizada em Julho de 1988, da responsabilidade de J. Zilhão.

Uma dessas bolsas — a zona AMD2 — apresentava a seguinte estratigrafia:

— *Camada A*: camada holocénica, composta por terras argilosas acastanhadas contendo materiais arqueológicos de diversas épocas, desde o Neolítico antigo (em grande maioria) até à época romana;

— *Camada B*: grandes lages de abatimento do tecto assentando sobre a superfície da camada C;

— *Camada C*: areias amareladas (fluviais?), com abundante microfauna (morcegos, sobretudo) no topo, e estéril do ponto de vista arqueológico.

Os dentes de castor foram recuperados na camada C. Esta camada é estratigraficamente equivalente a um depósito semelhante identificado na base de outra bolsa (a zona AMD1) sob uma sequência do Solutrense. Os dentes em causa deverão, portanto, datar de um período anterior (primeira parte do Würm recente?), em que ainda havia circulação hídrica nesta galeria».

BIBLIOGRAFIA

- ACCORDI, B. (1952) — «Ulteriori reperti di *Castor fiber* L. nelle torbiere degli euganei e dei berici». *Memorie degli Istituti di Geologia e Mineralogia dell'Università di Padova*, vol. XVII, 11 pp., 2 est.
- ALMEIDA, António d' (1815) — «Quadro elementar da História Natural dos animaes por Mr. Cuvier». Traduzido em portuguez e offerecido a SAR o Príncipe R.N.S. Tomo I. XX + 458 pp., 4 tabelas, 7 est. Londres. Impresso por H. Bryer, Bridge Street, Blackfriars.
- ANTUNES, M. T. (1984) — «Essai de synthèse sur les mammifères du Miocène du Portugal». Volume d'hommage au géologue G. ZBYSZEWSKI, pp. 301-323. Édité. Recherche sur les Civilizations. Paris.
- (1985) — «*Sciurus vulgaris* no Cabeço da Arruda, Muge/Presença e extinção em Portugal». *Arqueologia*, número doze, pp. 71-84, 2 figs., 1 quadro. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (G.E.A.P.). Porto:
- ANTUNES, M. T.; GINSBURG, L. & MEIN, P. (1983) — «Mammifères miocènes de Azambujeira, niveau inférieur (Santarém, Portugal)». *Ciências da Terra* (UNL), Lisboa, n.º 7, pp. 161-186, 3 figs., 3 est.
- ANTUNES, M. T. & MEIN, P. (1977) — «Contributions à la Paléontologie du Miocène moyen continental du bassin du Tage III Mammifères — Póvoa de Santarém, Pero Filho et Chões (Secorio), Conclusions générales». *Ciências da Terra* (UNL), Lisboa, n.º 3, pp. 143-165, 3 est.
- CARVALHO, M. Frutuoso de (1946) — «*Dicionário Moderno Francês-Português*». Livraria Sá da Costa-Editora. Lisboa. 721 pp.
- CHALINE, J. (1972) — «Les Rongeurs du Pleistocène moyen et supérieur de France». *Cahiers de Paléontologie*. Édité. du Centre National de la Recherche Scientifique, Paris. 410 pp., numerosas figs. e quadros, 17 est.
- COROMINAS, J. (1954; reimpressão 1974) — «*Dicionário crítico etimológico de la lengua castellana*». Editorial Gredos. Madrid.
- COSTA, Américo (1930) — «*Dicionário Chorographico de Portugal Continental e Insular/Hydrographico Historico/Orographico Biographico/Arcbeologico Heraldico/ Etymologico*. Com prefácio do Exmo. Sr. Dr. José Joaquim Nunes, Professor Cathedratico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa». Typographia Privativa do Dicionario Chorographico/Azurara-Vila do Conde. Vol. II, 1502 pp.
- (1932) — *Idem*. Vol. III, 1299 pp.
- (1934) — *Idem*. Vol. IV, 1519 pp.
- (1936) — *Idem*. Vol. V, 1107 pp.
- (1943) — *Idem*. Vol. VIII, 1495 pp.
- (1949) — *Idem*. Vol. XII, 918 pp.
- CRUSAFONT-PAIRÓ, M. & VILLALTA, J.F. de (c/colab. de BATALLER, J.R.) (1948) — «Los castores fosiles de España I. Parte general y Descriptiva». *Bol. Instituto Geológico y Minero de España*, t. LXI, pp. 319-424, 37 figs., 11 est. Madrid.
- CUNHA, A. Xavier da (1961) — «Sobre a ocorrência do Castor (*Castor fiber* L.) na fauna mamológica do Castro eneolítico de Vila Nova de S. Pedro». *Memórias e Estudos do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra*, n.º 270, 4 pp., 1 est.
- FEJFAR, O. (1964) — «The lower-Villafranchian Vertebrates from Hajnácka near Filákovo in Southern Slovakia». *ROZPRÁVY/ústredního ústavu geologického*, Swazek 30, 116 pp., 20 est., 58 figs., 1 carta. Praha.
- HARLÉ, E. (1910-1911) — «Les mammifères et oiseaux quaternaires connus jusqu'ici en Portugal». *Communic. Comissão do Serviço Geológico de Portugal*, t. VIII, pp. 26-86, 5 est.
- HEDGES, R. E. M.; HOUSLEY, R. A.; LAW, I. A.; PERRY, C. & GOWLETT (1987) — «Radiocarbon dates from the Oxford AMS system: Archaeometry datelist 6». *Archaeometry* 29, 2 (1987), pp. 289-306.
- HOLEC, P. (1986) — «Neueste Resultate der Untersuchung von Neogenen und Quartären Nashörnern, Bären und Kleinsäugetern in dem Bereich der Westkarpaten (Slowakei)». 1986, *Acta Universitatis Carolinae-Geologica*, Spinar vol. n.º 2, pp. 223-231, 1 fig. Praha.
- KOWALSKI, K. (1959) — «Katalog Ssaków Plejstocenu Polski». *Polska Akademia Nauk/Instytut Zoologiczny/Oddział/Krakowie*. Warszawa — Wrocław. 267 pp.
- LEGGE, A.J. & ROWLEY-CONWY, P.A. (1986) — «The Beaver (*Castor fiber* L.) in the Tigris-Euphrates Basin». *Journal of Archaeological Science*, 1986, 13, pp. 469-476, 2 figs.
- LERICHE, M. (1941) — «Sur la présence de *Castor fiber* dans le Pleistocène des environs de Mons, et sur la répartition du Castor dans la région gallo-belge, aux époques pleistocène et holocène». *Annales de la Société royale zoologique de Belgique*, t. LXXII, pp. 174-180.
- LOPEZ-MARTINEZ, N. (1980) — «Los micromamíferos (Rodentia, Insectivora, Lagomorpha y Chiroptera), del sitio de ocupacion achelense de Aridos-1 (Arganda, Madrid)». *Ocupaciones achelenses en el valle del Jarama/Publicaciones de la excelentísima Diputación Provincial de Madrid*, pp. 161-202, 26 figs., 1 est.
- MACHADO, J.P. (1956; 1959) — «*Dicionário etimológico da língua portuguesa/com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*». I, A-I pp. 1-1248; II, J-Z pp. 1249-2380. 1.ª edição. Editorial Confluência. Lisboa.
- SAMPAIO, Alberto (1979) — «Estudos históricos e económicos/As póvoas marítimas/o Norte marítimo ontem e hoje/o Minho rural e industrial resposta a uma pergunta/um exemplo de colonização actual por 'fogo morto'». II volume, 279 pp. Editorial Vega. Lisboa.
- SANTOS-REIS, M. (1985) — «*Mustela erminea* Linnaeus, 1758: a new mustelid to Portugal». *Arquivos do Museu Bocage*, série A, vol. III n.º 3, pp. 39-50, 2 est. Publ. Mus. e Lab. Zoológico e Antropológico, Faculdade de Ciências de Lisboa.
- SCHAUB, S. (1984) — «Simplicidentata (=Rodentia)». *Traité de Paléontologie* publ. sous la dir. de Jean Piveteau, t. VI, vol. 2, pp. 659-818, 283 figs. Masson & Cie. Paris.
- VIRET, J. (1954) — «Le loess à bancs durcis de Saint-Vallier (Drome) et sa faune de mammifères villafranchiens». *Nouvelles Archives du Muséum d'Histoire Naturelle de Lyon*, fasc. IV, 200 pp., 43 figs., 33 pl., 1 tabl.
- ZILHÃO, J. (1985) — «Néolithique ancien et Paléolithique supérieur de la Gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal) — fouilles 1979-1984». I Reunião do Quaternário Ibérico G.E.T.C./G.T.P.E.Q., Lisboa, 1985, vol. II, pp. 135-146, div. figs.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira/Ilustrada com cerca de 15 000 gravuras e 400 estampas a cores*. Editorial Enciclopédia, Limitada. Lisboa-Rio de Janeiro, s/data.
- Lei de Almotacaria. Subsídios para a História Económica de Portugal* I. Ed. Banco Pinto & Sotto Mayor. Com introdução, tradução e notas de Aristides Pinheiro e Abílio Rita. 38 pp., Damaia, 1983.
- Repertório Toponímico de Portugal/03 — Continente/(Carta 1/25 000)*. Volumes I-III. Ministério do Exército/Serviço Cartográfico do Exército. Fevereiro de 1967.

**DOCUMENTAÇÃO
FOTOGRAFICA**

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA I

Castor fiber Lin.

Dentes/Dents/Teeth (Incisivo, Molares)

A) *Gruta do Caldeirão, Tomar.*

Excavações: J. Zilhão.

Paleolítico superior: Solutrense.

- 1 — I superior direito (I sup. droite/right upper I), vistas externa (e), interna (i) e posterior (p) mostrando a superfície de abrasão. O esmalte apresenta pigmentação cor de laranja/l'émmail conserve encore la pigmentation orange caractéristique/enamel still shows typical orange colour. Exemplar CAL-013-359.
- 2 — M¹ esquerdo/gauche/left, vistas labial (l), lingual (li) e oclusal (o). Ex. CAL-P14-SC108-E4.
- 3 — M² direito/droite/right, v. labial (l), lingual (li) e oclusal (o). Ex. CAL-P14-77.
- 4 — M² dir. Ex. CAL-P15-SC83-E4.
- 5 — M₃ dir., v. labial (l), lingual (li) e oclusal (o). Ex. CAL-P15-SC48-E4.

B) *Vila Nova de São Pedro, Torres Vedras (castro).*

Col. Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra. Calcolítico.

- 6 — M¹ dir., v. labial (l), lingual (li) e oclusal (o).
- 7 — M¹ esq., *idem*.

Escala comum/échelle commune/common scale ca. × 2; dimensões/dimensions/measurements cf. Quadro I; fotos, J. Pais.

